

INSTITUTO DE PESQUISAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

2o. RAT
CAPITULO 5

Projeto Brígida: a primeira experiência de irrigação
articulada com agroindústrias

Recife, Nov: 794

Handwritten signature

EQUIPE

Responsáveis pela Redação do Relatório

Ana Eliza M. V. Lima
Magda Caldas Galindo

Pesquisadores de Campo

Ana Eliza M. V. Lima
Magda Caldas Galindo
Rosa Maria do N. Amorim

Apoio Técnico-administrativo

Maria Cristina C. Ribeiro
Maria de Fátima B. M. A. Correia
Marcos Aurélio V. Lima Júnior

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. A EXPERIÊNCIA COM AS AGROINDÚSTRIAS	8
2.1. O Contrato	8
2.2. A Produção	10
2.3. A Mão-de-obra	14
2.4. Os Rendimentos.....	17
2.5. Avaliação da Experiência	19
3. PRODUÇÃO NÃO VINCULADA À AGROINDÚSTRIA	22
4. OBSERVAÇÕES GERAIS	27
4.1. Avaliação da Assistência Técnica	27
4.2. Avaliação do Sistema de Irrigação	28
4.3. Expectativa do Empréstimo Bancário	30
4.4. Mudanças Observadas na Vida dos Reassentados	31

Anexo 1 - Roteiro de entrevistas

Anexo 2 - Fotografias

1. INTRODUÇÃO

Apresenta-se neste capítulo os dados resultantes de estudos realizados no Projeto Brígida (Orocó - PE), no período de 17 a 23 de outubro de 1994.

A análise da retomada do processo produtivo por parte dos reassentados daquele projeto teve como objetivo averiguar peculiaridades inerentes à experiência ali desencadeada, por iniciativa dos próprios agricultores, que, desse modo, se anteciparam à realização do planejamento estabelecido pela CHESF e CODEVASF. Assim, as expectativas inicialmente fixadas quanto a cronogramas, treinamentos, planos agrícolas e assistência técnica, sofreu uma reviravolta, imposta pela dinâmica de ocupação do Projeto, a partir do momento em que se conclui a instalação do sistema de irrigação.

Diante desses fatos, surgiu a necessidade de aprofundar o conhecimento acerca das formas buscadas pelos reassentados para tentar romper o longo ciclo de transição, marcado pela ociosidade forçada e pelas incertezas quanto à finalização das obras dos projetos destinados aos atingidos pela Barragem de Itaparica.

No mês de maio deste ano, entrou em operação o sistema de irrigação do Projeto Brígida. Contrariando o planejamento original, que previa um período de treinamento antes da produção por conta-própria, os reassentados desse projeto decidiram começar, de imediato, o plantio irrigado. Um grande estímulo a essa iniciativa partiu da presença, naquela área, de

agroindústrias interessadas em financiar a produção do tomate, principalmente, e do pimentão industrial, também denominado pimenta.

A viabilização dos contratos de produção resultou de negociações entre as agroindústrias interessadas e os agricultores do Brígida, que constituíram uma comissão de representantes. Nessas discussões preliminares, o consórcio de empresas contratadas pela CODEVASF - PROJETEC, ENECONSULT, PLENA e ELC - para prestar assistência técnica aos reassentados dos Projetos Especiais, dentre os quais se inclui o Brígida, desempenhou um importante papel, que se revela, por exemplo, nos seus planos de trabalho, quando é mencionada sua participação ativa em três níveis: (a) reuniões com representantes dos produtores para analisar as propostas das empresas; (b) reuniões com executores do reassentamento para discutir pendências e (c) reuniões das agroindústrias com os produtores, por quadra hidráulica (informações obtidas em reunião de avaliação dos trabalhos desenvolvidos pelo consórcio - período abril-junho/94 - ocorrida no dia 29.6.94, em Santa Maria da Boa Vista).

Com o objetivo de verificar "in loco" os resultados dessa primeira produção irrigada no Brígida, a FUNDAJ realizou uma visita a esse projeto, na segunda quinzena do mês de outubro passado, quando toda a colheita do tomate já havia sido encerrada. O trabalho de observação e o levantamento de dados através de entrevistas tinha como preocupação central: "ouvir os reassentados" sobre sua experiência como irrigantes.

Procurando não centralizar o trabalho em um só local do projeto, foram percorridas todas as agrovilas e ouvidos os reassentados com lotes localizados em diferentes quadras e setores. Como técnica de pesquisa, utilizou-se a entrevista semi-estruturada, em que a presença de um roteiro pré-estabelecido de indagações centrais não resulta em prejuízo de uma certa informalidade nos contatos dos pesquisadores com os entrevistados, fato que, sem dúvida, contribui para uma maior facilidade no acesso às informações.

Os comentários e sugestões aqui apresentados resultam, portanto, de 46 entrevistas feitas aleatoriamente com irrigantes do Brígida e, também, daquelas realizadas com técnicos do consórcio e lideranças sindicais. A título ilustrativo, no Anexo 2, são exibidas fotografias de diferentes áreas do Projeto Brígida.

A avaliação da relação entre reassentados e agroindústria exigiria análise mais completa que checasse, inclusive, o que foi formalmente contratado e os resultados obtidos.

A tarefa solicitada pela CHESF à equipe da FUNDAJ foi, no entanto, mais modesta: buscou-se verificar a avaliação feita pelos reassentados, com ênfase, portanto, na sua ótica. Esse é o produto que ora se apresenta, obtido através de entrevistas na área do projeto.

Cabe finalmente acrescentar que este trabalho é parte integrante dos vários estudos que compõem a "Avaliação do Reassentamento Rural de Itaparica", pesquisa que vem sendo realizada pela

Fundação Joaquim Nabuco, com base em contratos firmados com a CHESF, desde 1987.

2. A EXPERIÊNCIA COM AS AGROINDÚSTRIAS

2.1. O Contrato

A partir de iniciativa do consórcio (como informou um técnico entrevistado), ou dos reassentados (conforme revelação de um líder sindical), as agroindústrias se fizeram presentes no Projeto Brígida e atuaram como uma espécie de "parceiros" na produção irrigada do tomate industrial e da pimenta.

Segundo informação de técnicos do consórcio atuante neste projeto, dos 428 reassentados com lote irrigado, 248 (57,9%) firmaram contratos com agroindústrias para a produção do tomate industrial, envolvendo uma área de 344 ha (dados de setembro/94).

Os contratos, tanto para o cultivo do tomate como da pimenta, foram feitos em grupos de tamanhos variados, cuja organização se deu a partir das quadras hidráulicas. Na totalidade, para o tomate, existiram 24 contratos (envolvendo 22 quadras) e duas firmas contratantes: a CICANORTE, situada em Juazeiro/BA (286ha) e a TAT, localizada em Petrolina/PE (58ha). Os contratos para o cultivo da pimenta, em número menor que os destinados à produção do tomate, acumularam uma área de 131 ha (dados de setembro/94) e as agroindústrias que atuaram no projeto foram a CEIFUN, situada em Juazeiro, e a ILCOMINAS, posteriormente denominada VEGENOR, com sede em Petrolina.

Antecedendo a assinatura dos contratos, no período de negociação foram realizadas várias reuniões entre contratantes, irrigantes interessados e técnicos do consórcio. Para ficar à frente das negociações e do "Acordo", foi criada a Comissão da Agroindústria, formada por quatro reassentados, entre eles o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Orocó, também morador do Projeto Brígida.

Cada grupo formado para produção do tomate industrial e/ou da pimenta possuía um responsável, em nome de quem foi assinado o contrato, sendo chamado de "articulador".

As entrevistas realizadas permitem observar que ao articulador são atribuídas as seguintes funções:

1. Distribuir os insumos fornecidos pelas agroindústrias;
2. Organizar a colheita no que diz respeito à distribuição das caixas de coleta e ao percurso dos caminhões para a apanha e transporte dos produtos;
3. Receber e repassar aos membros do seu grupo os recursos financeiros antecipados pelas agroindústrias para o pagamento de mão-de-obra na época da colheita;
4. Proceder ao "acerto de contas", após a entrega do produto ao contratante.

Dos 46 agricultores entrevistados no Brígida, 40 (87,0%) estavam vinculados a alguma agroindústria, enquanto 6 (13,0%) trabalharam por conta-própria ou sob o sistema de parceria. Dentre os que estabeleceram contrato com firmas, 70,0% o fizeram com a CICANORTE; 17,5% com a TAT; 47,5% com a CEIFUN e apenas 7,5% com a VEGENOR. Esta soma ultrapassa 100,0% porque 17 entrevistados firmaram contrato com duas agroindústrias ao mesmo tempo - um para o fornecimento do tomate e outro para a produção da pimenta.

Uma das razões apresentadas pelos entrevistados para a não participação em contratos foi o receio, ou seja, o medo de assumir um compromisso, quando ainda não tinham experiência com o sistema de irrigação instalado. O conhecimento acerca de experiências anteriores, desse tipo, que não tiveram sucesso, em outros projetos de irrigação, também afastou das agroindústrias alguns entrevistados. Apenas um deles declarou não ter participado de contrato, apesar de seu interesse. É que a sua quadra foi a última do projeto a receber água e não houve mais tempo de se incorporar a algum grupo, porque os contratos já estavam fechados.

2.2 A Produção

O tomate industrial e a pimenta foram as culturas plantadas pelos reassentados do Projeto Brígida na sua primeira experiência de produção articulada com agroindústrias presentes na região.

O tomate, além de ser uma cultura já conhecida dos agricultores e ainda devido às facilidades oferecidas pelas empresas contratantes quanto ao fornecimento dos insumos, teve a preferência da maioria dos reassentados na hora de aderir a essa condição de produção. Deve-se salientar, no entanto, que alguns desses agricultores fizeram também contrato com a CEIFUN ou a ILCOMINAS para o cultivo da pimenta, se bem que em área menor. Alguns reassentados entrevistados não conseguiram participar de contratos para a produção do tomate industrial e plantaram somente a pimenta. Dos 46 irrigantes entrevistados que fizeram

contrato com as agroindústrias, 35 informaram ter plantado o tomate e 23 a pimenta (respostas múltiplas).

A área total plantada com o tomate industrial, levantada pelo estudo da FUNDAJ, foi de 55 ha, o que representa uma área média de 1,5 ha/agricultor entrevistado. Essa área, conforme informação de 33 produtores, ficou assim distribuída:

ÁREA PLANTADA POR AGRICULTOR

ÁREA (ha)	No. AGRICULTORES*
0,5	1
1,0	9
1,5	12
2,0	6
2,5	3
3,0	1
5,0	1

(* Dois agricultores não informaram a área plantada.

A expectativa das agroindústrias em relação à produção de tomate era de 50 toneladas por hectare (informação do consórcio), no entanto essa produção foi superada e, na média, o que se constatou foi a colheita de 60t/ha, sem levar em consideração as perdas. Um reassentado da agrovila 2 afirmou, em entrevista, ter entregue à TAT um total de 82 toneladas de tomate colhidas em apenas um hectare de terra.

Segundo os técnicos do consórcio, o tomate produzido no Brígida foi de excelente qualidade, tendo sido inclusive selecionado para semente.

O atraso no envio das caixas coletoras, bem como a reduzida frota de caminhões destinada a transportar a produção dos lotes até as agroindústrias provocaram o primeiro grande problema para os agricultores que não estavam preparados para resolver situações como aquela. Na maioria das vezes, eles não conseguiram administrar o entrave, deixando a responsabilidade de encaminhar soluções nas mãos dos articuladores. Como consequência, surgiram sérias desavenças entre membros dos grupos e criou-se um clima de desconfiança, revelado até em depoimentos, quando foi dito que o articulador deu preferência a escoar primeiro a sua produção.

A falta de caixas e de transporte (falha reconhecida pelas agroindústrias) acarretou maturação do tomate e conseqüentemente, perda de produção. No conjunto dos agricultores que plantaram tomate para as agroindústrias, a perda estimada foi de 20%, segundo um membro da comissão que negociou os contratos. Essa perda, no entanto, só será oficializada após o laudo técnico feito pelas agroindústrias e pelo consórcio.

Particularizando essas perdas, foram ouvidos entrevistados que afirmam ter perdido até 40% da sua produção (inclusive, parte dela ainda estava no campo no momento da visita da FUNDAJ, conforme foi registrado em fotografias anexadas a este relatório). Todo o tomate produzido deveria ter sido entregue às agroindústrias contratantes, contudo, alguns agricultores desesperados com a iminente perda da sua produção entregaram a colheita, ou parte dela, para atravessadores ou para outra agroindústria não contratante (no caso, a PALMEIRON), que foram aos lotes negociar o tomate. O preço pago pela PALMEIRON foi,

segundo depoimentos, de R\$ 50,00 a tonelada, ou seja, R\$ 2,50 (5%) a mais do que o preço oferecido pela CICANORTE e pela TAT. Alguns agricultores entrevistados criticaram esta atitude, considerada como quebra do contrato, na medida em que foram desonrados compromissos acordados com aquelas empresas. Muitos afirmaram que "era preferível perder tudo na roça". Esse discurso demonstra, em princípio, a preocupação de parcela dos reassentados com o respeito a posturas eticamente recomendáveis, pelo fato de preexistir um contrato com cláusulas bem definidas acerca das obrigações dos agricultores que o assinaram. Havia, no entanto, uma situação de perda da produção, exigindo definições ágeis e eficientes, em que fossem considerados, inclusive, as obrigações e os limites de ação das agroindústrias contratantes. A capacidade de gerenciar o lote e, conseqüentemente, o projeto de irrigação, implica reforçar os aspectos empresariais do empreendimento, sobrepujando antigas práticas de dependência, especialmente no caso dos ex-meeiros e daqueles que encaram a lavoura apenas como instrumento de sobrevivência da família.

Os prejuízos apontados pelos entrevistados têm uma dimensão ainda maior se for levado em conta que, nos custos de produção, ainda não estão incluídas as despesas com a gradagem e com a água utilizada. Mesmo que algumas dessas despesas venham a ser subsidiadas, é imprescindível que haja um controle rigoroso dos custos de produção, inclusive para tornar possível analisar a viabilidade econômica das atividades implementadas.

Outro fator que pode trazer sérios danos à plantação futura do tomate, caso não sejam tomadas as devidas precauções, é a contaminação do solo por "traças". As "traças" foram trazidas pelas agroindústrias nas caixas e nos caminhões que circularam no Brígida, por ocasião da colheita, e que ali chegaram sem receber o tratamento necessário para evitar a disseminação daquela praga (Ver Fotografia no Anexo 2).

Recomenda-se que o consórcio reforce a orientação de suspender o plantio do tomate neste período, vez que alguns entrevistados insistem em fazer novos plantios imediatamente.

O Cultivo de pimentão industrial - pimenta - foi objeto de contrato firmado entre as empresas CEIFUN, VEGENOR e os reassentados, em moldes semelhantes àquele relativo ao plantio de tomate. Em alguns casos, um mesmo grupo de agricultores se engajou nas duas lavouras, embora se observe uma variação quanto ao número de membros, tendo em vista o menor interesse despertado pela cultura da pimenta. O seu plantio foi realizado, em geral, após o do tomate e o período de colheita estava previsto desde o final de outubro de 1994 até fevereiro de 95, já que ocorre quatro apanhas por safra (Ver Fotografias no Anexo 2).

2.3. A Mão-de-obra

Para a produção destinada às agroindústrias os reassentados não tiveram que realizar grandes desembolsos de dinheiro, até mesmo porque eles, provavelmente, após 7 anos sem produzir e sem acesso a crédito, não teriam recursos para tanto. As empresas

contratantes fizeram entrega antecipada de alguns insumos - adubos, sementes, defensivos, etc. - que só foram pagos após a colheita, com a entrega da produção.

Os custos com a mão-de-obra, no entanto, não parecem ter ficado bem definidos no contrato. Alguns entrevistados afirmaram ter recebido das agroindústrias, via articulador, de forma parcelada, importâncias em dinheiro para a contratação de pessoal na etapa da colheita. Outros reassentados disseram ter feito o máximo que podiam com a mão-de-obra familiar, contratando somente o estritamente necessário, pagando, nesses casos, com recursos próprios e, eventualmente, acertando para pagar após a colheita. Como é típico dos projetos de irrigação, é na fase da colheita que o movimento de pessoal se intensifica. São pessoas amigas, parentes, e estranhos vindos de todos os lugares, até de outros estados, para trabalhar.

A mão-de-obra feminina foi a escolhida para as atividades de plantar e colher, enquanto os homens ficaram com as tarefas de adubação, aplicação de defensivos agrícolas e carregamento dos caminhões. A remuneração das mulheres foi, como é comum na agricultura irrigada, menor que a dos homens. Elas recebiam, em média, R\$ 0,07 para encher cada caixa de tomate e se transportasse até o caminhão o preço subia para R\$ 0,10 por caixa. A diária masculina era, em média, R\$ 5,00 e a feminina R\$ 4,00 (20% menor). Na colheita da pimenta, que estava se iniciando por ocasião das entrevistas realizadas pela FUNDAJ, as mulheres ganhavam de R\$ 0,50 a R\$ 0,80 para colher um saco de 30 Kg.

Indagados acerca dessa desigualdade entre o valor das remunerações pagas à mão-de-obra feminina e à masculina, os entrevistados admitiram até que as mulheres eram, na maioria das vezes, mais trabalhadoras que os homens, mas que a forma e o valor dos pagamentos foram combinados entre os grupos, orientados, inclusive pelas agroindústrias.

Alguns grupos se organizaram em processo de mutirão para trabalhar na produção, principalmente no momento da colheita, ocorrendo casos em que, para evitar a quebra do processo da troca de ajuda, foi estabelecido o pagamento de uma pequena importância, a título de incentivo.

Foi flagrada pela equipe da FUNDAJ a existência de algumas famílias, não reassentadas, trazidas pelos proprietários dos lotes, a princípio para a colheita do tomate, residindo em rústicas moradias construídas nos lotes de irrigação. As relações de trabalho que se refazem no projeto seguem os mesmos moldes anteriores ao reassentamento. O proprietário entra com a terra, a água, a semente, o adubo etc, e o morador com a mão-de-obra (ele e toda a família). Existem também casos em que o proprietário do lote entra numa parceria apenas com a sua força de trabalho além é claro, da terra e da água cabendo ao parceiro custear todas as despesas de produção (Ver Fotografias no Anexo 2).

A mão-de-obra do morador que se instala no projeto, está também sendo utilizada para os cuidados com a criação e/ou animais pertencentes aos donos dos lotes. Muitas vezes nesse setor, se refazem também antigas práticas como a de criação de meia ou a do

pagamento da mão-de-obra em espécie animal. Entre reassentados é comum a prática da cessão (empréstimo) de animais e ocorre sempre quando o cedente se encontra sem condições financeiras de mantê-los.

2.4. Os Rendimentos

As informações conseguidas através das entrevistas, quanto aos ganhos da produção do tomate industrial auferidas pelos reassentados, não parecem ser muito exatas. Em geral, o entrevistado procurava fugir das cifras, dizendo que não sabia ao certo, que ainda não havia recebido tudo, que havia sofrido muitos descontos etc. Outro fator que dificultou o levantamento desse dado foi a falta de hábito que o pequeno produtor rural tem de se documentar, ou mesmo de anotar seus custos, ganhos, produção etc. Tudo é "de cabeça", ou no caso do Brígida, entregue na mão dos articuladores. Realmente, poucos foram os entrevistados que dispunham de anotações relativas às atividades de produção.

Recomenda-se ao consórcio rever e melhorar a orientação relativa ao registro do controle de custos, produção e receita.

De acordo com a previsão de ganho do consórcio, o agricultor que tivesse 1 hectare de tomate e dele retirasse 60 toneladas, ao preço de R\$ 1,00 a caixa de 22Kg, teria uma renda líquida de aproximadamente, R\$ 1.662,00, o que daria para uma cultura como o tomate, cujo ciclo é de 4 meses, uma renda líquida mensal de R\$ 415,50.

Um entrevistado, proprietário de um lote de 3 ha, plantou tomate em 2 ha e colheu 140 toneladas. A agroindústria calculou a sua produção em 108 toneladas e pagou por ela R\$ 4.427,00, o que deu ao agricultor um ganho líquido de R\$ 2.213,50/ha, acima, portanto, do ganho estimado pelo consórcio. Outro entrevistado declarou ter plantado 3 ha de tomate, colhendo 160 toneladas, o que representa uma produtividade de 53t/ha e recebido um total de R\$ 4.500,00 líquidos, ou seja, R\$ 1.500,00/ha, valor abaixo da previsão do consórcio.

Essas informações foram dadas a título de ilustração para mostrar como é difícil calcular o ganho médio dessa experiência com as agroindústrias. Talvez o consórcio que fez um acompanhamento mais contínuo dessa produção, possa revelar dados mais consistentes sobre os rendimentos auferidos.

No que diz respeito à aplicação dos ganhos com a produção do tomate, a maioria dos entrevistados revelou que eles foram reinvestidos na agricultura. Realmente, na visita às diversas agrovilas do Projeto Brígida, observou-se a presença em um grande número de casas, empilhados nos seus terraços ou até mesmo em suas salas, de sacos de fertilizante e sementes para o início da nova produção. Muitos dos agricultores já haviam começado o plantio de cebola, melancia, feijão de corda etc. Outros reassentados revelaram que, devido à "miséria" na qual vinham vivendo nos últimos anos, empregaram parte do dinheiro recebido na compra de alguns utensílios para a casa, bem como de roupas e calçados para a família.

Porém, foi nos carros e nas bicicletas onde os ganhos não empregados na agricultura foram parar. Somente na agrovila 1, segundo diversos depoimentos, confirmados pelas pesquisadoras, após a colheita do tomate, surgiram cerca de 12 carros (usados) e uma moto. Nas agrovilas, de modo geral, é grande o movimento de bicicletas recém adquiridas. Segundo informações de um comerciante, proprietário de um clube dançante em uma agrovila e também vendedor de bicicletas, de setembro até a data da entrevista, já havia feito diversas viagens a Petrolina com a finalidade de comprar bicicletas para revender aos reassentados ao preço de R\$ 165,00 (outubro/94), valor correspondente a uma bicicleta de adulto.

2.5. Avaliação da Experiência

De forma geral, pode-se dizer que a experiência vivenciada pelos moradores do Projeto Brígida que plantaram para as agroindústrias foi satisfatória, tanto no aspecto financeiro - resguardando-se o fato de que os agricultores não assumiram ainda os custos reais da irrigação - como na forma de organização da produção.

Em relação aos grupos formados, ficou evidente que a figura do articulador teve papel importante e decisivo no nível de satisfação dos membros que os compunham. Depoimentos foram dados no sentido de sempre relacionar o sucesso ou o fracasso da produção com a capacidade de gerenciamento do agricultor que, assinando o contrato com a agroindústria em nome dos demais, assumiu dessa maneira os riscos advindos, já que os outros

produtores participantes do grupo não foram escolhidos por afinidades e sim, por pertencerem à mesma quadra hidráulica.

Uma reassentada revelou que o seu marido, que era um articulador, foi tão bem sucedido na sua função que, espontaneamente, os outros agricultores do grupo resolveram "gratificá-lo" com dinheiro (só não informou a quantia). Em contrapartida, outra produtora acredita ter sido lesada pelo articulador da sua quadra, já que não havia recebido todo o pagamento referente à produção entregue à agroindústria, acrescentando que, ao procurá-lo, sempre ele fica nervoso e diz que a empresa ainda não pagou. Houve também denúncias de que alguns articuladores pagaram aos motoristas dos caminhões para que eles recolhessem primeiro a sua produção ou de membros do seu grupo.

Alguns agricultores sugeriram que, de agora em diante, os grupos sejam de menor tamanho e, de preferência, compostos por pessoas conhecidas. Tal proposta, no entanto, contraria o modelo de organização da produção por quadra hidráulica que orienta não apenas as ações das agroindústrias, mas também dos consórcios e da CODEVASF.

Num primeiro momento, as agroindústrias foram a principal fonte de financiamento para a produção irrigada do Brígida. Os agricultores possuíam a terra, a água, a vontade de produzir, mas não dispunham de crédito. Hoje, além da água e da terra, os irrigantes têm vivência e já podem discutir os termos em que serão firmados os novos contratos. Esse sentimento ficou bem claro no depoimento dado por um agricultor: "a gente teve que

aprender com eles [agroindústrias], mas na próxima vez nós é que vai ensinar a eles ..."

3. PRODUÇÃO NÃO VINCULADA À AGROINDÚSTRIA

A produção não dirigida para as agroindústrias foi realizada por conta-própria ou em sistema de parceria. Os agricultores que não firmaram contrato com nenhuma empresa plantaram principalmente o tomate de mesa, a cebola, o feijão de arranca, o feijão de corda e a melancia.

A falta de recursos para grandes investimentos e a inexperiência com o sistema de irrigação levaram esses agricultores a desenvolverem esses cultivos com uma certa cautela. Depoimentos dos entrevistados mostraram que os maiores rendimentos foram obtidos com o tomate, a cebola e a melancia e que o destino dessas culturas foi a venda, realizada geralmente nos próprios lotes, a atravessadores. O feijão de arranca teve como destino o consumo (em maior escala) e a venda (muitas vezes para comerciantes estabelecidos no próprio projeto). O feijão de corda, geralmente plantado junto com o milho, não foi bem sucedido e destinou-se, quase sempre, apenas ao consumo familiar.

A ausência de anotações, por parte da maioria dos entrevistados, das despesas e receitas com a produção, não permitiu que fossem calculados dados médios. Para se ter uma idéia desses valores,

apresentam-se alguns exemplos de culturas com os respectivos rendimentos, conforme informações dos entrevistados:

PRODUTO	ÁREA(ha)	RENDIMENTO(R\$) BRUTO	DATA
TOMATE	0,5	1.700,00	SET./94
MELANCIA	1,0	1.158,00	SET./94
FEIJÃO DE ARRANCA	0,5	318,18	AGO./94
FEIJÃO DE CORDA	2,0	605,00	AGO./94
CEBOLA	0,5	988,00	SET./94

Os custos com a produção se restringiram aos gastos mínimos com adubo, veneno e sementes, sendo que muitas vezes nem com semente gastavam. No caso do feijão, principalmente, eles já possuíam as sementes que foram resultantes do plantio de chuva.

A mão-de-obra empregada foi basicamente a familiar, embora tenham realizado algumas despesas com trator para arar/sulcar a terra (1 hora custando R\$ 8,00 em junho de 1994 ou R\$ 11,00 em setembro de 1994) e principalmente com a colheita do tomate e da cebola (a diária variava entre R\$ 4,00 e R\$ 5,00 para o homem e entre R\$ 3,50 e R\$ 4,00 para a mulher, em setembro/1994).

Os irrigantes que produziram para as agroindústrias também plantaram em seus lotes irrigados outras culturas, como tomate de mesa, cebola e feijão de arranca ou de corda (a maioria). As três primeiras culturas são destinadas à venda e a última, quase sempre, para auto-consumo.

Além das culturas mencionadas, praticamente todos os entrevistados plantavam para o consumo familiar : macaxeira, batata-doce e milho. Alguns cultivavam uma pequena horta e quase todos mencionaram possuir em seus lotes bananeiras e coqueiros. As mudas de bananeiras, geralmente plantadas no mês de maio quando se iniciou a irrigação, foram tiradas das bananeiras existentes no "quintal" ou junto aos "muros" de suas casas nas agrovilas. Os pés de coco foram, quase sempre, adquiridos através da compra (R\$ 1,00 cada, em agosto/1994) e a data do plantio variou de maio a setembro de 1994.

Somente um entrevistado declarou haver plantado amendoim em uma pequena área, ainda não colhida.

O volume maior de dinheiro circulante no Projeto Brígida foi, sem dúvida, resultante da produção do tomate industrial (a pimenta agora é que está iniciando a sua colheita).

Falando em dinheiro um fato que merece ser mencionado é o de que, naquele projeto, no mês de outubro, ainda era forte a marca da moeda antiga. Muitos entrevistados pareciam não raciocinar usando como referência a nova moeda (o real) e normalmente informações a respeito de dinheiro eram fornecidas com base no cruzeiro real, quando afirmavam, por exemplo, que para encher uma caixa de tomate teriam pago "duzentos ou trezentos cruzeiros".

Procurando aumentar os seus ganhos, dois entrevistados vinculados a agroindústrias do tomate reconheceram não terem agido muito "corretamente" com as contratantes, quando desviaram insumos fornecidos por elas para plantios próprios. Um deles cultivou 0,5

ha de tomate de mesa, colheu 900 caixas de 18 kg cada e vendeu tudo a preços que variaram entre R\$ 3,27 e R\$ 4,73 a caixa (ou entre 9.000,00 e 13.000,00 "cruzeiros" a caixa como ele declarou), enquanto o outro plantou do mesmo tomate industrial 0,5 ha além do combinado e colheu 700 caixas, que vendeu a R\$ 2,18 cada, obtendo um rendimento de R\$ 1.525,00, praticamente líquido, já que só teve gastos com a mão-de-obra.

Encerrado o ciclo do tomate, que envolveu a maior parte dos reassentados do Brígida e absorveu mão-de-obra interna e externa, está tendo início naquele projeto a primeira colheita da pimenta que, embora não tenha abrangido o mesmo número de agricultores, oferece uma oportunidade de emprego temporário para alguns (estavam pagando de R\$ 0,50 a R\$ 0,80 para encher um saco de 30kg). A absorção de mão-de-obra também ocorre por parte da cultura da cebola, conforme pôde ser observado por ocasião da visita da FUNDAJ ao projeto (Ver Fotografias no Anexo 2).

Muitos dos irrigantes já deram início a novos cultivos e outros estão se encaminhando nesse sentido. As preferências recaíram principalmente nas seguintes culturas: cebola, melancia e feijão (seja de corda ou de arranca). Apenas um entrevistado mencionou a intenção de plantar abóbora. A produção deverá ser financiada com recursos próprios (os bem sucedidos com o tomate estão melhor capitalizados) ou realizada sob o sistema de parceria (meação), embora haja possibilidades de empréstimo bancário. De acordo com informações do consórcio, no final de outubro, funcionários do

Banco do Nordeste (BNB) deveriam estar no Projeto Brígida para cadastrar os agricultores interessados.

O acesso ao crédito apresenta-se como condição importante ao sucesso desses produtores.

Para seu êxito, faz-se necessário, também, um maior empenho de todos os envolvidos nesse projeto quanto à questão da comercialização. Tanto o consórcio quanto os reassentados parecem estar cientes dessa necessidade e providências nessa direção estão sendo tomadas. Uma liderança comunitária informou que a Secretaria de Produção do Pólo Sindical do Submédio São Francisco está visitando CEASAS da região, na tentativa de estabelecer uma via direta de comercialização entre produtor e Companhias de Abastecimento, enfraquecendo, desse modo, a presença do atravessador no Brígida.

4. OBSERVAÇÕES GERAIS

4.1. Avaliação da Assistência Técnica

A assistência técnica oferecida pelo consórcio instalado no Projeto Brígida foi avaliada pelos agricultores entrevistados, na quase totalidade, como boa. As visitas aos lotes irrigados eram praticamente diárias e sempre que surgia algum problema o técnico procurava orientar na solução.

Os técnicos das agroindústrias mantinham contato com os técnicos do consórcio e fizeram também visitas aos lotes dos agricultores que estavam plantando para as suas empresas.

No caso dos agricultores que fizeram contrato com as agroindústrias, eram os técnicos do consórcio que orientavam desde a distribuição dos fertilizantes até o cálculo das despesas e distribuição dos rendimentos.

Um produtor não articulado com agroindústrias informou que a assistência técnica era preferencialmente para os que fizeram contratos e que os demais não tinham a mesma atenção. Esse é um aspecto até compreensível quando se leva em consideração a importância dessa primeira experiência com a produção voltada para o processamento industrial. Muitos recursos estavam aí envolvidos, além do próprio sucesso do Projeto Brígida, cujos reassentados nem chegaram a ser treinados.

Preocupados com o uso de máquinas nos lotes, os reassentados optaram por um sistema que pudesse ser desmontado e removido durante a aração. Acontece que, hoje, após receberem os canos, os aspersores e começarem a irrigação, todos os entrevistados, sem exceção, consideraram insuficiente o equipamento recebido para irrigar o lote.

O processo de distribuição dos canos nos lotes, segundo explicações dadas pelos técnicos do consórcio, deveria ser em bloco e em rodízio. Alguns agricultores, no entanto, não seguem a orientação dos técnicos e insistem em distribuir os canos em uma grande linha o que provoca desperdício d'água e pouco aproveitamento da pressão (Ver Fotografias no Anexo 2). Eles alegaram que para fazer o que o técnico ensinou vão precisar "rodar com os canos quentes nas costas durante todo o dia". Na verdade, segundo informação do consórcio, nesse sistema o agricultor para molhar um lote de 6 ha precisa trabalhar 16 horas por dia. O manejo da irrigação praticada no período anterior ao reassentamento era muito diferente e é natural que haja um período de adaptação à nova técnica, agora empregada.

Essa confusão fica bem clara quando são apontadas pelos produtores as soluções para o "problema". Alguns pedem mais redes e dizem que os bicos são suficientes, outros acham que o número de canos está bom e que precisa de mais bicos (aspersores).

O aspecto que deixou a equipe da FUNDAJ mais preocupada, quanto à assistência técnica, foi o processo de pulverização com defensivos agrícolas utilizado, sob orientação, pelos produtores. Por não terem passado pelo treinamento oficial, os agricultores ainda não receberam equipamento adequado para aplicação dos inseticidas necessários, e o fazem sem máscaras nem luvas, e muitas vezes declaram chegar em casa com dor de cabeça e com o corpo impregnado de veneno. Segundo informações dos entrevistados, a FUNDACENTRO esteve na área fazendo algumas reuniões e foram colhidas amostras de sangue dos agricultores antes de começar a plantação para medir o nível de contaminação anterior ao início da produção no projeto.

Quanto à questão do treinamento, lideranças sindicais informaram que ainda não há data programada para o evento por conta de algumas pendências ainda não resolvidas pela CHESF, tais como a existência de lotes impraticáveis para a agricultura, que necessitam ser substituídos, a falta de drenagem em estradas que são verdadeiras lagoas e a ausência do núcleo principal que ainda não teve sua construção iniciada. Afirmaram que a posição é coletiva e que não haverá treinamento enquanto não forem solucionados esses problemas.

4.2. Avaliação do Sistema de Irrigação

O sistema de irrigação definido para o Brígida, antes mesmo do início da instalação do projeto, foi o móvel.

Alguns problemas com os equipamentos como vazamentos por conta de borrachas de vedação ressecadas, pinos que prendem os aspersores etc., já foram levantados pelo consórcio e encaminhados à CHESF para tomar as devidas providências.

Não foi detectado problemas de falta d'água ou de energia para o funcionamento do sistema de irrigação, embora alguns entrevistados tenham se queixado do horário de fornecimento da água, como pode ser observado neste depoimento: "a água está chegando por volta das 7:00 horas da manhã e indo embora às 16:00 horas da tarde. A gente perde muito tempo. Antes a água ia embora às 16:45 horas".

Apesar da reação inicial à nova tecnologia, os agricultores começam a incorporá-la à sua vivência. Quando interrogado sobre a área que iria ser plantada com uma determinada cultura, um entrevistado respondeu: "6 hidrantes". O pesquisador pediu que o reassentado explicasse esta nova medida de área e ele, sem apresentar embaraço, afirmou que 8 hidrantes correspondia a cerca de 1 hectare.

4.3. Expectativa do Empréstimo Bancário

O BNB vai começar a cadastrar os agricultores para a abertura de uma linha de crédito através da Agência do Município de Salgueiro.

Várias reuniões foram feitas com representantes dos reassentados, do consórcio e do BNB para discutir os moldes dos empréstimos que deverão ser oferecidos aos agricultores do Projeto Brígida. Para tanto a CHESF já assinou uma carta de anuência que vale para todos os reassentados.

Por ocasião da pesquisa de campo, observou-se que muitos agricultores não tinham conhecimento ainda dessa possibilidade e outros já haviam ouvido falar. Alguns se mostraram receptivos, com a ressalva de que teriam que "estudar direitinho", temerosos de complicações com o banco. Muitos afirmaram nunca ter trabalhado com empréstimo bancário, mas não rejeitaram a idéia. Uns, mais desconfiados (a minoria), disseram que preferiam trabalhar com meeiros, pois caso viessem a perder a produção o prejuízo seria do parceiro.

4.4. Mudanças Observadas na Vida dos Reassentados

Em vários lotes, foi observada a existência de casas de taipa, construídas precariamente sem as condições básicas de conforto e higiene. Essas casas servem de abrigo para as famílias que passam ali a maior parte do dia na realização de suas atividades agrícolas. Foram entrevistadas famílias que permaneciam toda a semana no lote agrícola e só iam para a casa da agrovila uma vez na semana, para "ver como estavam as coisas".

Construir um "ranchinho" no lote para se abrigar é até compreensível, pois o trabalho constante no sol forte do sertão é muito desgastante, mas permanecer todo o tempo na precária

moradia do lote agrícola já não parece uma atitude fácil de entendimento, uma vez que os lotes ficam localizados a distâncias facilmente percorríveis em relação às agrovilas onde se situam as residências desses agricultores. O que pode explicar esse comportamento talvez seja o fato de que anteriormente - antes da mudança para as agrovilas - eles moravam bem próximos às suas roças e estejam agora tentando reproduzir essa situação.

É visível a mudança operada no Projeto Brígida com o início da agricultura irrigada. Muitas bicicletas, carros e gente circulando entre os lotes e agrovilas. Homens, mulheres e crianças trabalhando no campo. Movimento... aquele ar de quietude exagerada se foi. A própria população sente isso e um dos entrevistados assim se expressou: "a vida na agrovila mudou bastante com a irrigação: hoje não falta serviço e todos têm um ganho". Os reassentados mostram-se esperançosos quanto ao sucesso do projeto e, em relação ao tempo que passaram esperando a "água", um entrevistado afirmou: "os sete anos do pessoal parado foi a tristeza desse povo, somente agora se vê o calete [força física] do agricultor se esforçando para tocar as roças...". O que esse entrevistado quis dizer é que, apesar de todo o tempo de ociosidade forçada, os agricultores, com a irrigação, se mostraram animados, aptos e dispostos, a desenvolver a atividade agrícola.

Uma alteração no cotidiano do Projeto Brígida que merece preocupação: o progressivo aumento da violência. No mês de setembro passado, ocorreram três homicídios no interior desse

projeto, fato que deixou a população assustada. Percebeu-se, nas entrevistas, inquietações advindas dessas ocorrências e inclusive denúncias foram feitas quanto ao aumento do número de armas circulando na área do projeto, o que contraria a identidade adquirida pelo Brígida, de um projeto pacato e ordeiro.

Caberia uma ação policial preventiva para resolução desses problemas, além de uma atuação mais marcante do serviço social oferecido pelos órgãos executores.

Ficou evidente que a primeira experiência de irrigação do Projeto Brígida teve bons resultados, com ótimos índices de produtividade. Sucesso esse creditado em grande parte ao desempenho e apoio de agricultores por parte do consórcio atuante nesse projeto. Porém, ainda é preciso reforçar a orientação no manejo dos equipamentos de irrigação para quebrar a resistência dos irrigantes à nova tecnologia implantada. Os técnicos do consórcio estimam que entre 60% a 70% dos produtores do Brígida já usam de forma correta esse equipamento, o que não implica no entendimento e aceitação de que o sistema de irrigação instalado nos lotes foi calculado de forma a ser suficiente para irrigar toda a área, desde que usado de maneira adequada. Alguns depoimentos expressam o pensamento deles a respeito dessa questão:

"quero trabalhar os 3,0 ha e a irrigação não permite. Tem poucos bicos e a roça está passando sede";

"a irrigação é deficiente, tem pouco bico e pouco cano, a pessoa quer plantar mais e não dá";

"o espaçamento não tem problema. Os bicos e os canos são poucos. Tem 4 redes de cano só de um lado do lote. Não colocaram no lote todo. Esse é um grande problema".

Além da preocupação que o consórcio deve ter com a orientação técnica, merece também ser trabalhada a própria visão do reassentado, para que ele consiga entender a magnitude de um projeto de irrigação do porte do Brígida, onde a produção tem que sair da esfera do consumo familiar e atingir a de mercado. Apesar de existirem estruturas organizacionais, como articuladores de quadras, representantes de agrovilas, associação - a ACABEPB, com 200 sócios - , é preciso desenvolver ainda um trabalho intenso, de modo a permitir a essa população a autogestão do projeto de irrigação .

Alguns reassentados já têm consciência de que precisam assumir esse papel e se mostram ansiosos para que essa independência se concretize, conforme revela o depoimento de um irrigante: " em relação à irrigação, estou com esperança que vai dar certo. Ainda me acho de mão atada pela CHESF. Tudo que vou plantar, tenho que perguntar. Ainda me sinto um colono".

1 O X E R A
O S I E T O

A N E X O 1
R O T E I R O

PROJETO BRIGIDA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

NOME DO ENTREVISTADO -----

IDADE -----

AGROVILA Nº -----

CASA Nº -----

QUADRA Nº -----

SETOR Nº -----

LOTE Nº -----

TAMANHO DO LOTE (ha) -----

1. O Sr. participou de contrato com alguma agroindústria?

Se Sim:

Qual a agroindústria?

De que forma se deu esse contrato? Grupo/individual?

Como se organizou o grupo?

Foi o Sr. quem assinou esse contrato?

Qual o produto destinado a agroindústria?

Qual a sua área plantada com o produto contratado?

Data do plantio.

Qual a sua produção total desse produto?

Foi toda entregue à agroindústria?

Houve perdas? Se sim, diga a perda estimada.

Se souber, indique as suas despesas com essa produção: com sementes, adubo, defensivos, máquinas, água, energia, frete.

Quanto as despesas com a mão-de-obra empregada: Trabalhou apenas com a mão-de-obra familiar? Quem da família? Sexo e idade.

Tarefa? Se houve, qual a remuneração?

Se contratou mão-de-obra externa, diga a procedência, a forma e o valor do pagamento.

Indique o número de pessoas contratada por sexo e idade.

Quanto foi o seu ganho líquido com essa produção?

Em que mês recebeu o financiamento?

Em que mês entregou a produção?

O que o Sr. recebeu era o que o Sr. esperava?

O que o Sr. fez com o ganho resultante dessa produção?

O Sr. pretende financiar alguma produção própria? Se sim, qual?

Como o Sr. avalia a sua experiência com a agroindústria?

- . quanto à assistência técnica
- . quanto à colheita
- . quanto ao transporte
- . quanto ao pagamento

Como o Sr. avalia a sua experiência de trabalhar em grupo?

Se o Sr. tivesse oportunidade de participar de um outro contrato com alguma agroindústria, o Sr. participaria?

Por que?

Quanto à operação do sistema de irrigação instalado: como foi o funcionamento? Como foi a questão da água? Atendeu às necessidades?

2. Além da produção destinada à agroindústria, o Sr. plantou alguma outra cultura na área irrigada?

Se Sim

Qual ou quais?

Indique a área cultivada, data do plantio, produção (se já colheu), a data da colheita, de cada cultura.

Qual a mão-de-obra empregada nesses cultivos?

Diga as despesas para produzir essas culturas?

Qual o destino dessa produção?

O Sr. teve algum ganho líquido (em espécie)? Data e valor.

Como foi financiada essa produção? Fontes dos recursos?

O Sr. teria interesse em participar de alguma linha de crédito de bancos oficiais (do governo)?

3. Se o Sr. não participou de contrato com agroindústria, por que?

O Sr. plantou alguma cultura irrigada?

Se sim

Qual ou quais?

Indicar a área cultivada, data do plantio, colheita (se já houve), de cada cultura.

Qual a mão-de-obra empregada? Quantidade e custos.

Despesas com a produção. Data e valor.

Destino da produção.

Ganho líquido (em espécie). Data e valor.

Como foi financiada essa produção? Fontes dos recursos.

O Sr. teria interesse em participar de alguma linha de crédito de bancos oficiais (do governo)?

Outubro/94

A N E X O 2
F O T O G R A F I A S



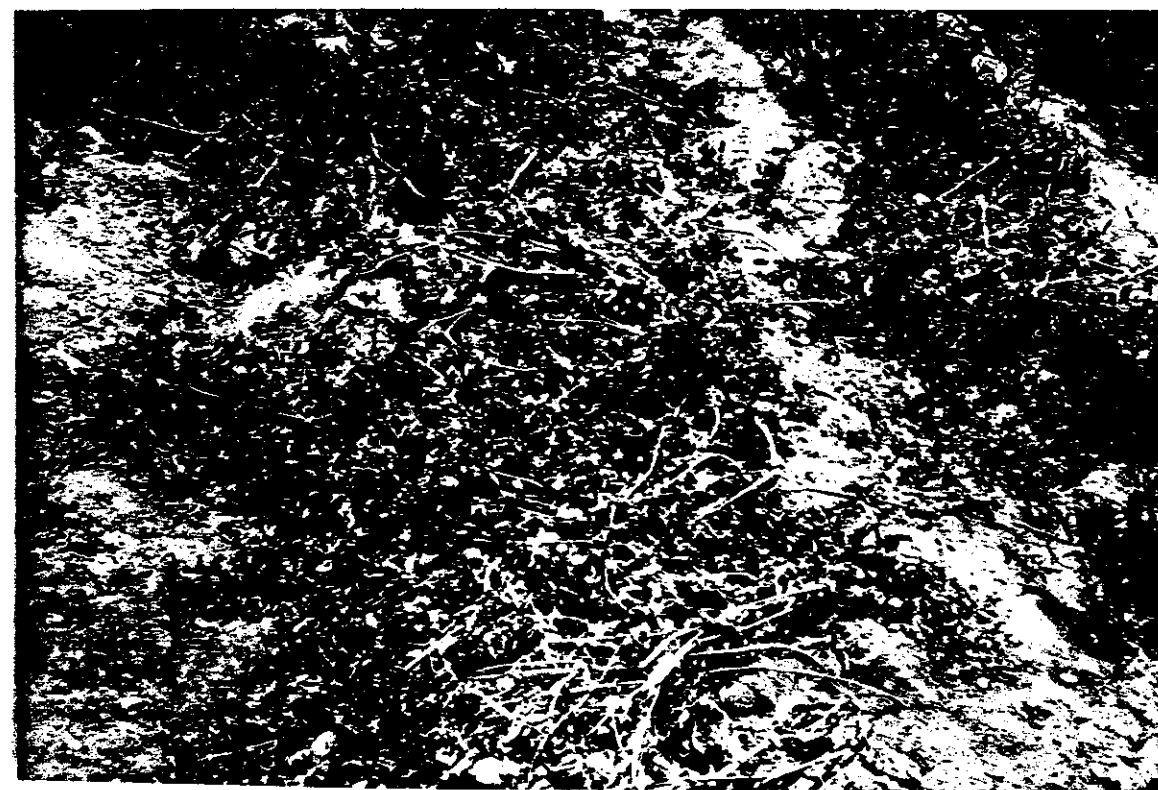
Projeto Brígida/Orocó - Plantação de pimentão esperando a apanha. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Tomate perdido no lote. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Plantação de pimentão esperando a primeira apanha. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Tomate perdido no lote. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Caixas coletoras do tomate abandonadas no lote. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Agricultores plantando feijão. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Tomate perdido servindo de pasto para o gado. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Agricultores plantando feijão. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Milharal. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Milharal. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Mão-de-obra feminina na colheita da cebola. Outubro/94



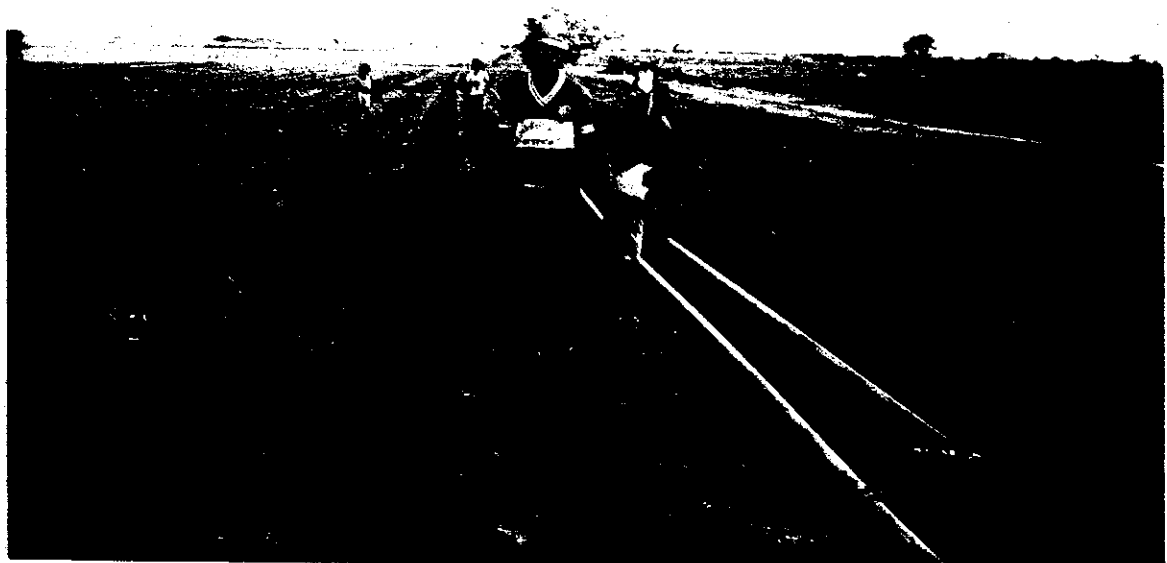
Projeto Brígida/Orocó - Cebola ensacada para comercialização. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Irrigação em linha. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Casa de morador no lote de irrigação. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Irrigação em linha. Outubro/94



Projeto Brígida/Orocó - Chiqueiro. Outubro/94

